

Arte contemporânea: experiências estéticas com Dennis Oppenheim

Mariana Sperandio Teixeira¹

Resumo

Este trabalho parte de um relato de experiência do Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte na Educação Infantil, realizado no segundo semestre do ano de 2018 no curso de Artes Visuais, em uma turma de Grupo 3, com 20 crianças na faixa etária de 3 anos a 4 anos. O projeto desenvolvido “Desenho de Transferência - Desenhando com o sentido do tato”, trouxe a perspectiva da Arte Contemporânea para o ensino da Arte da/na Educação Infantil, a partir do estudo da vida e das obras do artista Dennis Oppenheim. Com ênfase na performance artística “Desenho de Transferência”, a qual dialoga com o projeto da turma, reflete, fundamentada em Archer (2001) e Iavelberg (2017), sobre a Arte Contemporânea para crianças pequenas e, a partir da observação e contato com as crianças no ambiente escolar, finaliza refletindo sobre diferentes propostas de vivenciar, explorar e mediar os processos de ensino aprendizagem da Arte para crianças da Educação Infantil.

Palavras-chaves: Criança. Arte Contemporânea. Estágio. Estesia.

Abstract

This work is based on an experience report of the Supervised Curriculum Internship in Art Education in Early Childhood Education, held in the second semester of 2018 in the Visual Arts course, for 20 children in the age group of 3 years and 4 years old. The developed project "Transfer Drawing - Drawing with the sense of touch", brought the perspective of the Contemporary Art for the teaching of Art for the Early Childhood Education, from the artist Dennis Oppenheim's study of life and Works. With emphasis on the artistic performance "Drawing of Transfer", which dialogues with the class project reflects, based on Archer (2001) and Iavelberg (2017) on Contemporary Art for small children and, from the observation and contact with the children in the school environment, ends reflecting on different proposals of experiencing, exploring and mediating the processes of teaching / learning art for children in Early Childhood Education.

Keywords: Child. Contemporary art. Internship. Esthesia.

¹ Estudante do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. *E-mail:* <sperandio.mariana@gmail.com>

Introdução

Este trabalho se constitui a partir de uma reflexão sobre um projeto desenvolvido ao longo da disciplina Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, o qual teve como tema “Dennis Oppenheim - Desenho de Transferência”.

A proposta foi desenvolvida em um Centro de Educação Infantil, em uma turma de 20 crianças de Grupo 3, cujas idades variavam entre 3 e 4 anos. Nossas intervenções ocorreram dentro do período de um mês e foram distribuídas em 5 momentos, seguindo o que já estava sendo trabalhado pela professora naquele momento.

As crianças do Grupo 3 estavam aprendendo a respeito dos 5 sentidos do corpo humano: Paladar, Olfato, Visão, Tato e Audição. Como a intenção era levar esse assunto para o universo artístico, escolhemos um artista contemporâneo que dialogasse com o tema, sendo este, Dennis Oppenheim e sua performance artística “Desenho de Transferência” (1971), em que o artista desenha nas costas de seu próprio filho e esse, desenha em um outro suporte a partir do que sentiu, por meio do sentido do tato.

Além das crianças trabalharem o sentido do tato de uma maneira diferente da mostrada convencionalmente (percepção de objetos de diversas texturas e formatos que são apalpadados e sentidos/percebidos apenas com as mãos), as atividades vivenciadas visavam proporcionar às crianças conhecerem algumas manifestações da Arte Contemporânea a partir do artista trabalhado e, para tanto, dialogamos com Archer (2001) e Iavelberg (2017), para pensarmos a Arte Contemporânea no contexto da Educação Infantil.

Nessa perspectiva, organizamos este texto em quatro momentos, mas que dialogam entre si. Após essa introdução, trazemos uma revisão de literatura abordando nossa concepção de sujeito, dialogando com temas como a Arte Contemporânea, bem como os documentos orientadores voltados para o ensino da Arte na Educação Infantil. Posteriormente, trazemos o relato de experiências desenvolvido durante o nosso período de estágio. Finalizamos refletindo sobre as diferentes possibilidades de vivenciar, explorar e mediar os processos de ensino aprendizagem da Arte para crianças pequenas.

Arte contemporânea: experiências estésicas e estéticas

Trabalhar com crianças bem pequenas à primeira vista é desafiador, considerando os “limites” da primeira infância, como o fato de ainda não serem alfabetizadas, ter vocabulário restrito, demandar extrema atenção e serem ainda muito dependentes. No entanto, à medida que conhecemos mais sobre a Educação Infantil e passamos a enxergar as crianças que ali habitam como sujeitos que trazem consigo vários conhecimentos e que são produtores e consumidores de cultura, compreendemos que, ao oportunizarmos diferentes trocas, essas trocas se tornam surpreendentemente potentes para a aprendizagem das crianças.

Refletimos, então, sobre a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), quando em determinado momento se volta para a Educação Infantil e cita as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010), que norteia os eixos estruturantes das práticas pedagógicas, levando-nos a compreendê-las por meio das interações e das brincadeiras.

Dessa forma, destacamos que as crianças “[...] podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização” (BRASIL, 2017, p.35).

A BNCC (BRASIL, 2017) é um documento orientador e obrigatório, que destaca que as aprendizagens deverão ocorrer por meio dos Campos de Experiência, no qual destacamos “Traços, sons, cores e formas” que objetivam levar as crianças a conhecerem as diferentes manifestações artísticas (pintura, escultura, fotografia...), constituindo experiências que contribuem para o desenvolvimento do senso estético e crítico, conhecimento pessoal e do meio externo. Dentre os objetivos traçados pela BNCC, que visa a mediação, destacamos o “[...] Expressar-se livremente, por meio do desenho, pintura, colagem dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais” (BRASIL, p. 48, 2017).

Para dialogar com os documentos que orientam os currículos da Educação Infantil é preciso pensar as crianças e o contexto do ensino da Arte na contemporaneidade. Atualmente, é preciso compreender as crianças como sujeitos de direito que estão inseridas em contextos histórico-culturais e, portanto, em diálogo constante com o mundo ao seu entorno. Daí a necessidade de extrapolarmos um ensino de Arte engessado, estereotipado e com único interesse no produto final. De acordo com Archer (2001), na contemporaneidade, “[...] a arte é um encontro contínuo e reflexivo com o mundo em que a obra de arte, longe de ser o ponto final desse processo, age como

iniciador e ponto central da subsequente investigação do significado” (ARCHER, 2001, p. 236).

Nesse sentido, é preciso levar em consideração os contextos, os espaços, as diferentes culturas, ou seja, é preciso estabelecer uma conexão direta com a realidade e com a efemeridade da vida que, especificamente neste artigo, dialoga com a performance de Dennis Oppenheim. Ao discorrer sobre a performance dos anos 1970, Archer (2001) infere que “[...] uma arte que pudesse afirmar-se como tal ao negar o potencial de venda dos objetos carregava uma certa força política e ideológica contrária aos dogmas da economia capitalista de mercado” (ARCHER, 2001, p. 117). A “art performance” ou performance artística é uma modalidade de manifestação artística interdisciplinar que - assim como o happening - pode combinar teatro, música, poesia ou vídeo. A performance foi criada pelo grupo Fluxos, na década de 1960 e propõe uma atitude diante do mundo. Não precisando, necessariamente, envolver a participação de espectadores, pois geralmente, o artista cria um roteiro para poder realizá-la em lugares específicos ou em diferentes espaços-tempos, engendrando muitas vezes um posicionamento crítico-social que dialoga com a vida dos sujeitos.

Seguindo esse pensamento, Rosa Iavelberg, professora da Universidade de São Paulo e uma das redatoras dos Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Fundamental do primeiro ciclo, diz em seu texto “Arte na Educação, na vida e na memória dos professores”, que “[...] A criança que frui, cria imagens e constrói conhecimento sobre arte terá condições de interatuar com a vida cultural que se desenvolve no meio, com mais conhecimentos para incluir o mundo artístico em sua vida” (IAVELBERG, 2017, p. 22).

Esse pensamento reafirma a importância do ensino da Arte na educação, o que nos leva a defender um ensino contemporâneo real, mas também transitório. Além disso, segundo a autora, o gosto pela Arte não é algo inato, e sim construído a partir de vivências tanto dentro, quanto fora da escola, assim, é necessário incitá-lo e nutri-lo com diferentes e diversas possibilidades.

Para pensarmos um ensino de Arte contemporâneo para as crianças da Educação Infantil, outro aspecto que trazemos, é o conceito de mediação. Góes (2019), fundamentada em Vigotski (2001), enfatiza que

[...] qualquer apropriação de conceito passa sempre pela mediação do Outro, pois acredita que as crianças não assimilam os conceitos de forma acabada. Portanto, o ensino deve incidir sobre a zona de

desenvolvimento e as atividades pedagógicas precisam ser organizadas, com a finalidade de fazer com que a criança se aproprie dos conceitos científicos elaborados pela humanidade (GÓES, 2019, p. 13).

Nessa perspectiva, o projeto desenvolvido com as crianças objetivava trabalhar aspectos da Arte contemporânea por meio de experiências estésicas e estéticas, levando-as a se perceberem e reconhecerem o seu entorno como espaços de aprendizagens por meio da mediação do “Outro”, e também de vivências que sensibilizam para a percepção por meio dos sentidos. Percepção essa que extrapola o olhar individualista e que se abre para o outro e para a vida.

Desenho de Transferência - Desenhando com o Sentido do Tato

O projeto de ação “Desenho de Transferência - Desenhando com o Sentido do Tato” realizado na turma de Grupo 3 (crianças de 3 a 4 anos) foi vivenciado durante o Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte na Educação Infantil e se constituiu em um desdobramento do trabalho das professoras da turma, as quais estavam trabalhando com a temática “Os 5 Sentidos do Corpo Humano”.

Seguindo esse raciocínio, organizamos o projeto em 5 momentos, visando trabalhar o sentido do tato, mas buscando inseri-lo no contexto do ensino da Arte, por meio do estudo e apreciação da vida e das obras do artista contemporâneo, Dennis Oppenheim.

No primeiro momento, feito após a Educação Física, reunimos a turma em roda e iniciamos uma conversa sobre o artista, buscando falar de forma simples e transformando o artista em um personagem de histórias. Falamos que ele gostava muito de desenhar quando criança, assim como todos do grupo 3, que ele era muito criativo, e que, quando cresceu, tornou-se um artista. Também comentamos que há diversos tipos de artistas: artista pintor, artista de novela/ de filme, artista escultor, artista professor, dentre outros.

Conforme íamos inserindo informação, apresentávamos uma imagem que ilustrava o discurso (imagem do artista e de 3 trabalhos de épocas diferentes, destacando a diversa produção de Oppenheim) e a anexávamos no quadro, formando então, uma linha do tempo.

Procurávamos sempre inserir as crianças no diálogo, incentivando a participação delas e despertando o potencial imaginativo acerca do conteúdo apresentado, já que

“[...] a imaginação também é condição, propulsão e manifestação de toda a subjetividade, sendo por isso ligação entre sensibilidade e intelecto, entre ciência e arte” (GIRARDELLO, 2011, p.89), proporcionando então, a apropriação e a aprendizagem de novos conhecimentos.

Compreendendo a necessidade de uma transposição didática para atender as crianças pequenas, elaboramos uma fala mais lúdica para prender a atenção delas (Figura 1):

“Havia certa vez um menino muito criativo e que gostava de bastante de desenhar, assim como o Grupo 3. Esse menino se chama Dennis Oppenheim. Ele cresceu e virou um artista. Mas não um artista de novela, um artista tipo aqueles de museu. Porém, sua obra era tão grande que não cabia em museus ou galerias... Algumas chegam a ser maiores que essa sala que estamos. Vamos conhecer suas obras?” (Diário de Bordo, 03/10/2019).

Figura 1: Roda de Conversa Momento 1



Fonte: Da Autora

Ao apresentarmos a obra *Bus-Home* (2002), de Dennis Oppenheim, uma criança fez a seguinte pergunta: “É um *transformers*?”.

A leitura da imagem feita pela criança estava no caminho certo, tratava-se mesmo de uma espécie de “*transformers*”, contando que a obra se refere a uma arquitetura-escultura de um ônibus se transformando em casa. Essa associação não imaginada por nós reforça a teoria de Vigotski (2001) a respeito da *Zona de Desenvolvimento Real*, a qual condiz com os conhecimentos que as crianças já trazem de um repertório já dominado por elas. Nesse sentido, nosso papel, como “Outro mais experiente”, era exatamente atuar como mediadoras, na *Zona de Desenvolvimento Proximal*, ou seja, proporcionar experiências que levassem as crianças a realizarem ações e atividades com a ajuda de outra pessoa mais experiente. Góes (2019, p. 12) enfatiza que a “[...] ZDR é apenas um indicativo do que a criança consegue fazer sozinha, porém, por meio da

mediação do adulto ou de outra criança mais experiente, esse processo se modifica totalmente”.

A partir desses diálogos, assim que terminamos a atividade, nos encaminhamos para a sala de Multiuso para o segundo momento, entretanto, percebemos que uma criança ficou para trás, demonstrando curiosidade em observar e tocar as obras (Figura 2) que deixamos expostas na parede da sala de atividades.

Figura 2: Criança observando as imagens apresentadas após o momento da intervenção



Fonte: Da Autora

Ao chegarmos na sala de atividades, as crianças se sentaram nas cadeiras e, enquanto se acomodavam, preparamos os slides para dar início a intervenção.

Foram selecionados ao todo 9 trabalhos, sendo que três deles já havíamos apresentado e conversado sobre eles com as crianças no primeiro momento. A *curadoria educativa*² foi pensada não em mostrar-lhes as manifestações artísticas que o artista Dennis Oppenheim desenvolveu ao longo de sua carreira, mas sim, o que poderia interessar a elas, pois quando essa seleção de imagens é feita, é preciso que se tenha definido o público alvo, porque serão exatamente essas escolhas que vão proporcionar um ambiente favorável para a aprendizagem (MARTINS; PICOSQUE, 2008).

Assim, apresentamos novamente as imagens dos trabalhos que já havíamos mostrado no primeiro momento, mas em perspectivas diferentes, juntamente aos outros trabalhos. Nesse momento, nós utilizamos mais tempo para fazer a leitura das imagens,

² Nomenclatura utilizada por Martins e Picosque (2008).

primeiro questionando o que elas estavam vendo, como acreditavam que foi feito o trabalho e o que parecia ser. Conforme as crianças respondiam, apresentávamos as informações sobre cada obra, provocando-as a fazerem a leitura das imagens, estimulando a imaginação e impulsionando-as a experienciar a arte e a desenvolver um olhar crítico para as obras, bem como a ampliar o repertório voltado para a linguagem visual, contribuindo para uma construção estética, a qual, de acordo com Pillar (2007), tem lugar privilegiado no ensino da Arte

Entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas às crianças, tanto a partir do seu cotidiano como de obras de Arte. Compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a Arte não só como um fazer mas também como uma forma de pensar em e sobre Arte (PILLAR, 2007, p.71-72).

Concordamos com Pillar (2007) sobre como conceber a Arte a partir de uma “forma de pensar em e sobre Arte”, por isso, um dia antes da intervenção dos momentos 3 e 4, sinalizamos a necessidade de trabalharmos as formas geométricas com o Grupo 3, já que o conhecimento das crianças em desenhar as formas era fundamental para o exercício da atividade. Logo, dispusemos cartolinas e canetinhas e, mostrando as formas geométricas, pedimos para elas desenharem, do jeito que estavam vendo, as formas (Figura 3).

Figura 3: Desenhos feitos coletivamente de formas geométricas



Fonte: Da Autora

As crianças demonstraram muito interesse em relação às tentativas de desenhar as formas geométricas, expressando oralmente o entusiasmo, pois se sentiram desafiadas: “Olha, tia, eu vou fazer um quadrado bem grande”. Para Góes (2019, p. 15) as “[...] crianças da Educação Infantil são produtoras de textos orais e escritos e que, por meio de seus enunciados, mostram seus saberes e suas experiências de vida”. A autora reafirma que, nesse sentido, “[...] o professor poderá atentar para a impossibilidade de olhar essa criança no singular e fora dos processos de interação social e das redes de subjetividades” (GÓES, 2019, p. 15).

Pensando nessa criança produtora de textos orais e escritos, e no desenho como texto, buscamos estratégias para podermos fazer uma transposição didática objetivando que elas pudessem fazer uma aproximação entre a nossa fala e o repertório pessoal de cada uma.

Orientamos então, que observassem que o círculo parecia uma bola, assim como a letra “O”, buscando relacionar com o conteúdo que estavam aprendendo em paralelo (O alfabeto e a escrita dos próprios nomes), que a forma quadrada lembrava uma porta, assim como a da sala de atividades, e que o triângulo remetia ao telhado de uma casa. Frisando que estas duas figuras, diferentemente do círculo, tinham pontas e linhas retas, procurando usar linguagens próximas ao repertório delas, usando “[...] linguagens adequadas ao interesse e à compreensão das crianças, para falar-lhes sobre as coisas do mundo de modo a seguir cativando sua imaginação e mobilizando sua curiosidade” (GIRARDELLO, 2011, p. 88).

No dia destinado para a terceira e a quarta intervenção, antes do lanche, levamos as crianças para a “Sala Multiuso”. Recordamos rapidamente o que vimos anteriormente sobre Dennis Oppenheim e dissemos que, dentre os trabalhos que havíamos mostrado, havia uma correlação com os recentes estudos acerca dos 5 sentidos.

Mostramos em seguida a imagem projetada do “Desenho de Transferência”, falamos sobre ela e também que faríamos uma atividade parecida com essa performance artística. Posteriormente, mostramos o vídeo de Dennis Oppenheim com o filho executando a performance “Desenho de Transferência” e pedimos que prestassem bastante atenção, principalmente na mão da criança e na mão do artista fazendo o gesto do ato desenhar (Figura 4).

Figura 4: Crianças do Grupo 3 assistindo a performance “Desenhos de Transferência



Fonte: Da Autora

Ao assistir a performance, uma criança pergunta: “Ele está desenhando na blusa do menino?” Respondemos ao questionamento explicando à ela o processo da performance e, nesse sentido, trazemos para o diálogo Girardello (2011), ao reforçar em seu texto a fala de Greene, quando cita que

[...] não basta a exposição da criança à arte para que haja o envolvimento, é necessário que ela receba um encorajamento delicadamente equilibrado que tanto a leve a “prestar atenção às formas, padrões, sons, ritmos, figuras de linguagem, contornos e linhas” (1995, p.125), como também que a libere para construir o significado particular que as obras possam ter para ela: “Mobilizar a imaginação das crianças em resposta a um texto [...] pode ser comprometê-las com a busca de possibilidades alternativas (GREENE, 1995, p. 129 *apud* GIRARDELLO, 2011, p. 77).

O quarto momento foi o de execução da atividade “Desenho de Transferência”. A atividade foi organizada para ser realizada em duplas, nesse sentido, cada criança escolheu sua dupla e nós anotamos no papel. As crianças chegavam e nós explicávamos como iria funcionar, pois são crianças bem pequenas e a reorientação é sempre muito importante.

Explicávamos que uma criança iria escolher a forma geométrica (círculo, quadrado ou triângulo) e que a outra não poderia ver. Depois ela iria desenhar nas costas do seu/sua amiga/o e ele/a tentaria descobrir qual era a forma geométrica, desenhando no papel o que estava sentindo. Por fim, ambos trocariam de posições (Figura 5). Após a atividade, pudemos notar o quanto a proposta foi significativa e trouxe ótimos resultados em termos de percepções por meio do tato (Figura 6).

Figuras 5: Dupla de crianças fazendo a performance Transferência
“Desenho de Transferência”



Fonte: Da Autora

Figura 6: Resultado do Desenho de



Fonte: Da Autora

Enquanto uma dupla fazia, uma outra dupla observava para poder compreender melhor a atividade. As demais crianças estavam em um outro espaço da escola brincando. Quando uma dupla terminava, vinha outra dupla e assim seguiu a atividade.

A escolha do uso das formas geométricas, foi devido ao fato de percebermos que, se deixássemos solta a escolha do desenho, elas não acompanhariam a dinâmica, por seres crianças bem pequenas.

Nesse contexto, foi necessário, novamente, fazer essa transposição didática, dando um direcionamento a elas: “descubra qual das três formas geométricas mostradas, qual foi desenhada nas suas costas”. Como ressalta Iavelberg (2017):

[...] Ao professor contemporâneo cabe realizar a transposição didática dos conteúdos, os quais selecionará a partir da História da Arte, dos meios e suportes, da ordenação dos espaços expositivos, das técnicas e dos sistemas da arte na sociedade, considerando sua produção, distribuição, documentação, acesso e valor em cada época e lugar (IAVELBERG, 2017, p.27).

Não cabe ao professor somente mediar, fazer transposição didática e organizar os processos, é preciso estar junto, vivenciando as atividades com as crianças. Nesse contexto, a performance “Desenho de Transferência”, proporcionou experiências

estéticas não somente para as crianças, mas também para a professora que participou, envolveu-se e apreciou o resultado da atividade juntamente com as crianças (Figura 7).

Figura 7: Professora regente e criança vendo o resultado da performance “desenho de Transferência”



Fonte: Da Autora

O quinto e último momento, foi destinado a avaliação. Reunimos as crianças em roda e conversamos com elas sobre os trabalhos desenvolvidos nas intervenções. Fizemos uma breve retrospectiva e fizemos perguntas variadas, como por exemplo, se elas gostaram de fazer as atividades, de qual trabalho do Dennis Oppenheim elas mais gostaram, se gostaram de conhecer esse artista, entre outros. Pensando em uma avaliação “dialógica”, visamos a partir dos enunciados, identificar de quais conhecimentos elas se apropriaram ao longo desses momentos de intervenção.

Além disso, fizemos a apreciação da exposição dos trabalhos delas logo após o momento inicial, pois ela havia sido montada no dia anterior. Mostramos o cartaz e lemos o que estava escrito para elas. Todas reconheceram quem eram as crianças das fotos expostas e, em seguida, apreciamos cada trabalho, e juntos íamos identificando o trabalho de cada criança (Figuras 8 e 9).

Figura 8 e 9: Crianças visitando a exposição e apreciando os trabalhos de cada uma



Fonte: Da Autora



Fonte: Da Autora

Considerações finais

A experiência de trabalhar a performance com crianças bem pequenas foi bem oportuna, pois nos mostrou que, apesar da pouca idade, há muitas possibilidades de explorar a arte contemporânea e que esta não se limita a um segmento da educação ou a uma idade específica.

As crianças responderam nossos questionamentos levantando questões pertinentes, que enriqueceram a proposta, e isso só foi possível pelo fato de estabelecermos uma dialogia, uma troca de diálogos entre todos e todas. Elas não se recusaram ou se intimidaram em participar, dizendo o que se passava em suas cabeças, viabilizando conexões e diálogos diversos com o conteúdo/tema proposto.

Apesar de nem sempre ser fácil manter o controle da turma, pois as crianças tinham 3 anos de idade, foi perceptível o interesse delas e a necessidade de se posicionarem, interagindo verbalmente e cinestesticamente, respondendo bem a todas as propostas de atividades. Além dessas trocas, nos espaços da Educação Infantil, faz-se necessário apresentar manifestações artísticas que dialoguem culturalmente com as

crianças, proporcionando a aprendizagem e o desenvolvimento da imaginação, da estética e da estesia.

Nesse cenário, a Arte Contemporânea cria uma aproximação com o que elas vivem, com o que é mais próximo delas, contribuindo para a fruição e para os processos de aprendizagem das crianças pequenas. Assim, as diferentes propostas de vivenciar, explorar e mediar os processos de ensino aprendizagem da Arte, aos poucos ganham espaço e se tornam condição para o trabalho com as crianças da Educação Infantil.

Referências

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. Tradução de Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BRASIL, 2017). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>> Acesso em 08 de Maio de 2019, às 21h36. p. 35.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** (DCNEI, 2010). Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>> Acesso em 20 de Jan. de 2018, às 9h51.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação**: arte e ciência na infância. Pro-Posições: Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011.

GÓES, Margarete Sacht. "Fala pra nós, senão nós não vai sabê". In: GONÇALVES, Suzane da Rocha Vieira; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; MICHEL, Caroline Braga (Org.). **Práticas educativas no contexto do pacto nacional pela alfabetização na idade certa (2018): desafios e possibilidades**. 1ed. Curitiba: Appris Editora, 2019, v. 1.

IABELBERG, Rosa. Arte na Educação, na vida e na memória dos professores. In: DADALTO, Maria Gorete; REBOUÇAS, Moema Martins. **Modos de ser professor de Arte na contemporaneidade**. Vitória: Edufes, 2017.

MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Editora Arte por escrito/Rizoma Cultural. Content Stuff, 2008.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.